

Documentação

Fonte: *DESP/Notas e Inf.*

Data: *27/7/2003* Pg: *13*

Class.: *20100072*

Ecologismo insensato

A Rodovia Régis Bittencourt, parte da BR-116 que liga São Paulo a Curitiba e integra o Corredor do Mercosul, continua justificando o triste apelido de "Rodovia da Morte", apesar de mais de 80% de seus 400 km estarem duplicados. A cada semana, um novo balanço trágico. Neste fim das férias escolares de julho, a Polícia Rodoviária alerta para os perigos de sempre. A duplicação dos dois últimos trechos de pista simples está atrasada não por falta de dinheiro, mas por imposição do Poder Judiciário.

Em defesa do meio ambiente, juristas, entidades de proteção ambiental e alguns cidadãos isoladamente entraram

com ações pedindo a suspensão da duplicação do trecho de 50 km na Serra do Cafezal, na altura do município de Jucituba. Um trecho menor de pista única e muitas

curvas, também no lado paulista, perto da divisa com o Paraná, contribui para aumentar os perigos nas viagens para o Sul. Trabalhadores e as máquinas são impedidos de completar a duplicação porque o traçado idealizado no projeto da rodovia está sendo contestado judicialmente. Em síntese, as ações questionam a derrubada de árvores para a passagem da segunda pista, os juízes acolhem essas ações e interdita as obras.

É a vitória do excesso de zelo ecológico, uma vez que não se trata de construir nova estrada através da mata, mas simplesmente melhorar a que já existe. Quando totalmente duplicada, a Régis Bittencourt garantirá maior segurança para motoristas e passageiros, além de maior rapidez e economia no transporte de cargas, e novas opções de desenvolvimento para a região do

Vale do Ribeira, sem falar no incremento ao turismo. A São Paulo-Curitiba é essencial para a ligação entre as grandes cidades do Sudeste brasileiro e os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também é passagem para a Argentina, Uruguai e Paraguai, daí sua integração ao Corredor do Mercosul.

Está provado que a Via Dutra, que liga São Paulo ao Rio, ficou muito mais segura a partir de sua privatização, que garantiu obras e melhor sinalização nas pistas. A Régis Bittencourt também pode receber essas melhorias, caso sejam superadas as últimas barreiras para a sua duplicação. Se dependesse do governo federal, já esta-

ria sendo possível ir de São Paulo a Florianópolis, via Curitiba, com muito mais segurança, desde o fim do governo Fernando Henrique Cardoso. Em março de 2000, o

então ministro dos Transportes Eliseu Padilha participou de um seminário de prefeitos do Vale do Ribeira, em Registro, e disse que esperava uma solução "em poucos meses" para as pendências judiciais que retardavam as obras na Serra do Cafezal. Três anos já se foram. O presidente Lula, ao constatar as limitações impostas pelo Orçamento da União para este ano, cortou verbas anteriormente previstas para inúmeras obras rodoviárias, mas, sensibilizado com os seguidos acidentes na Régis Bittencourt, manteve os recursos para completar a segunda pista. Falta, porém, a decisão do Judiciário.

Respeitar a natureza e o meio ambiente é um imperativo indiscutível. Mas, impedir que simplesmente se melhore a segurança de uma estrada, vital para a economia, em nome de preservação desnecessária, é pura insensatez.

A melhoria de uma estrada já pronta não pode ser prejudicial ao ambiente